

Cartografias Urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade.

Regina Helena Alves da Silva

Doutora em História Social pela USP, professora Associada do Departamento de História da UFMG e coordenadora do Centro de Convergência de Novas Mídias-UFMG.

A região chamada de Hipercentro em Belo Horizonte é o ponto privilegiado para a expressão da heterogeneidade que caracteriza a cidade. É nesse espaço que pessoas dos mais diferentes e distantes bairros podem se encontrar e desenvolver atividades políticas, artísticas e culturais. Apesar disso, a área central de Belo Horizonte, cada vez mais, se apresenta como lugar de passagem. As pessoas “descem” para a cidade – o Centro – para fazer compras, ou passam pela região apenas como um ponto do caminho para outros lugares. Poucos são aqueles que passeiam pelo Centro ou caminham nesta região dando maior atenção às suas características e particularidades. A dimensão do centro como espaço público, como espaço de encontro, de reunião e de convívio social fica assim despercebido.

Contudo, os projetos de intervenção/revitalização que têm sido propostos e implementados nos últimos anos no centro da cidade conduzem a novas interpretações acerca do patrimônio urbano. É, nesse sentido, que a cartografia participa e desencadeia um processo de desterritorialização para desenvolver uma forma de produzir conhecimentos que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo.

O projeto busca desenvolver uma metodologia que distingue territórios preexistentes, reconhece e registra formas, coordena e assegura a viagem entre os diversos caminhos possíveis de se percorrer. Assim é possível acompanhar os movimentos, perceber entre sons, imagens e textos a composição e decomposição dos territórios, como e por quais manobras e estratégias se criam novas interpretações das mesmas paisagens.

Esta metodologia procura recolocar a noção de patrimônio urbano não como algo que se constitui contra o processo de urbanização dominante numa relação de contínua reinterpretação do que deve ser a cidade,

inclusive com as idéias de uma esfera pública ideal. Pretendemos rediscutir patrimônio entendendo-o enquanto produto de múltiplas temporalidades, percepções e apropriações, enquanto espaço constituidor e constituído pelas diversas formas de conflito que conformam os territórios da cidade.

Temos então uma interação entre a topologia do espaço, os trajetos desenhados pelo percurso dos usuários da cidade e os signos que vão sendo inscritos nos suportes urbanos. Durante a pesquisa, o Hipercentro aparece enquanto lugar público por excelência que comporta toda sorte de atores individuais e coletivos, usos territoriais institucionalizados e cotidianamente configurados, memórias e discursividades diversas, sentidos atribuídos e construídos, experiências e experimentações, apropriações simbólicas e concretas, entre outros. E que, também, simultaneamente, comporta uma rede complexa e intensa de relações sociais – antagônicas, complementares, paralelas, convergentes, simbióticas, parasitas, consensuais, conflitantes; refletindo diferentes padrões de diálogo e negociação.

Observar e percorrer traços dessa rede foi uma tentativa de compreender esse lugar como um território conformado dialeticamente por dimensões espaciais e dimensões culturais. Um lugar que transcende sua estrutura física, suportando também um emaranhado de significados em fluxo. Nesse sentido, essa rede configura-se como – mesmo em seus contextos mais simbólicos – um conjunto dinâmico e multiplicador de realidades concretas. São práticas e representações sociais que são (re)significadas à medida que interagem com esses espaços e todas as suas combinações.

Considerar o Hipercentro para além de suas representações cristalizadas pelo discurso oficial, implica em uma série de elementos e dinâmicas que dialogam e conferem consistência à proposta de visibilizar e possibilitar a discussão de sentidos, deslegitimados e silenciados na dinâmica histórica e cotidiana do lugar público por excelência (por mais contraditório que isto possa parecer e, de fato, é): o centro da cidade. Eis aí a possibilidade do político e de sua prática por todas e por cada uma destas diversidades que se apresentam, num exercício de alteridade e de (des)construções de identidades e dos lugares que (des)ocupam.

Este é o espaço que concentra a memória e a história da cidade e se desenvolvem práticas políticas, artísticas e culturais. Lugar em que os habitantes da cidade se encontram para produzir em conjunto àquilo que não faz parte do âmbito estrito da necessidade material. Hoje, a constituição das metrópoles modernas tende a diluir a importância da área central enquanto espaço público e de produção simbólica. Na nova organização da cidade, o crescimento populacional e a ocupação de novos territórios urbanos trouxeram à tona a idéia de periferia, uma área que se localiza fora da circunferência e não tem comunicação com o centro. Além disso, o acirramento do capitalismo industrial e financeiro trouxe uma intensa valorização do aspecto econômico. A atividade comercial e de prestação de serviços especializados passou a dominar

na maioria dos espaços centrais. Existem ainda outros fatores que contribuem para a diluição do valor simbólico do Centro da cidade. No instante em que o Hipercentro de Belo Horizonte passa por intervenções, requalificações e revitalizações este projeto buscou outras possibilidades de pesquisa da memória social e urbana. Propusemos uma abordagem que conduz a um encontro de especial subjetividade com a cidade: olhá-la como cidade vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e com suas relações de uso que não só a percorrem como também interferem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos, criando outros e redirecionando-os. Levamos em conta os modos sociais de produção de sentidos próprios da cidade. Mudanças, transformações econômicas e sociais deixam marcas ou sinais que contam uma história pontilhada de imagens. A cidade percorrida como um mapa pode ser um acúmulo de objetos, monumentos, ruas com autoria, ruas sem autor, painéis de escrita, textos oficiais, passagens, sons, imagens que se transformam e ensinam através da experiência.

Assim, partimos para uma proposta de cartografar com os sentidos, criar mapas como referências, sabendo que eles são mutáveis a cada instante e que a velocidade do mundo atual não borra as referências, mas as formas de representação delas. Nossos sentidos conseguem cartografar, mas a compressão do tempo e do espaço tornou nossas formas de representação do espaço obsoletas. Por isso, a virtualidade da convergência dos sentidos possibilita a criação de mapas que além de conseguirem captar os sentidos devem possibilitar a interação e a construção de um mapa participativo/coletivo com as infinitas possibilidades de múltiplos sentidos.

Buscamos a pluralidade de sentidos produzidos e em produção na região do Hipercentro de Belo Horizonte. Interessou-nos, sobretudo, aqueles à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos e que são, na maioria das vezes, desconsiderados por serem banais e fragmentados. A diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam neste local provoca nos sujeitos, muitas vezes, indiferença ou incômodo. As operações de intervenção neste espaço, por parte daqueles que detêm o poder de viabilizá-las, frequentemente têm como consequência o apagamento destas expressões ou a diminuição desta diversidade, mesmo quando isto não está explicitado como objetivo. Estes apagamentos buscam, muitas vezes, o embelezamento, a harmonização e a limpeza do espaço público e são realizados a partir do olhar dos responsáveis pela sua manutenção, sem que o conteúdo destas expressões seja levado em consideração. O objetivo deste trabalho é realizar uma operação oposta e levar em consideração estes sinais como expressões da diversidade que mantém vivo este espaço. Para tanto, vamos tomá-las como gestos significativos que constituem em sua fugacidade expressões comunicativas dos que usam e se apropriam do espaço do Hipercentro.

O nosso objetivo foi captar os sentidos que as pessoas imprimiam ao espaço público ao se apropriar dele para seus múltiplos usos,

independente da sua institucionalidade ou da sua marginalidade. Os dados captados estão sendo tratados de modo a chegar ao que temos denominado de mapas moveis, ou mapa de sentidos atribuídos ao Hipercentro.

Procedimentos de Registro

A preocupação central do projeto Cartografias é registrar e estudar as múltiplas formas do convívio social da diversidade no espaço comum a todos que são as ruas da cidade e cartografar os múltiplos sentidos atribuídos aos espaços da cidade pelos sujeitos que os habitam, trabalham, fazem compras, freqüentam ou apenas passam por eles.

Para concretizar a cartografia dos sentidos, a equipe começou a registrar – através de cadernos de campo, fotografias, registros videográficos e sonoros – os diversos usos do espaço público da cidade. Em uma fase inicial definiu-se o Hipercentro de Belo Horizonte como recorte espacial e o início da discussão metodológica foi inspirada nas derivas propostas pelos situacionistas. A escolha do Hipercentro como local da pesquisa deveu-se, entre outros aspectos como já afirmamos acima, ao fato de este ser um espaço onde as características atribuídas à experiência na cidade contemporânea – como a velocidade dos fluxos de veículos e pessoas, a saturação de informações, a fragmentação – estão mais visíveis e talvez mais intensificadas do que em outros espaços de Belo Horizonte. A aproximação com o movimento da Internacional Situacionista partiu do interesse pela crítica radical que este grupo fez ao urbanismo e à cidade contemporânea – transformada em espetáculo – e à reivindicação que eles faziam de uma transformação no cotidiano urbano através da participação e intervenção de seus habitantes. A idéia de registrar e estudar uma cidade construída no dia a dia de seus habitantes e tornada invisível pelos processos hegemônicos aproximou as reflexões do grupo de pesquisadores do projeto Cartografias das diversas questões levantadas pelos situacionistas e permitiu ver nas derivas que eles propuseram uma forma interessante de explorar o cotidiano da cidade.

A Internacional Situacionista foi formada nos anos 50 por artistas, ativistas e pensadores europeus como Guy Debord, Constant Nieuwenhuys, Raoul Vaneigen entre outros. Segundo JACQUES (2003), a luta fundamental era contra a cultura do espetáculo da sociedade capitalista e, sobretudo, contra a não-participação, a passividade e a alienação dos indivíduos. O antídoto contra a espetacularização da sociedade seria a participação ativa dos indivíduos na vida social e principalmente na cultura. Acreditavam que isto seria alcançado através da construção de situações, que provocassem e permitissem “o jogo livre das paixões”. A cidade ou a metrópole tornou-se questão importante para eles, pois o meio urbano era encarado como terreno da ação, local de produção de novas formas de intervenção e transformação do cotidiano. Para realizar suas pretensões de mudanças, os situacionistas propunham

experimentações radicais do espaço urbano que eram a psicogeografia e as derivas.

A psicogeografia foi definida como um 'estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos'. E a deriva era vista como um "modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência". [...] A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através do andar sem rumo. (JACQUES, 2003, p. 22)

Estas práticas tinham como princípio uma apropriação do espaço que ultrapassasse a lógica da definição de funções. Para os situacionistas, era preciso explorar o espaço e suas possibilidades contrapondo-se à passividade diante dos usos pré-definidos, decorrentes da estruturação capitalista da cidade. Henri Lefébvre, que foi ligado ao grupo até o início dos anos 60, ressalta a possibilidade de criar situações como uma experiência que é capaz de revelar a cidade:

A idéia deles (e isto também estava relacionado às experiências de Constant) era que na cidade alguém poderia criar situações novas, por exemplo, ligando partes da cidade, bairros que eram espacialmente separados. E este foi o primeiro significado da deriva. A experiência consistia em interpretar aspectos diferentes ou fragmentos da cidade simultaneamente, fragmentos que podem ser vistos só sucessivamente, da mesma forma que existe pessoas que nunca viram certas partes da cidade. [...] Nós tínhamos uma visão de uma cidade que foi fragmentada cada vez mais, sem sua unidade orgânica ser completamente despedaçada. Posteriormente, claro que as periferias e os subúrbios realçaram o problema. Mas tempos atrás isto então não era óbvio, e pensávamos que a prática da deriva revelava a idéia da cidade fragmentada. (LEFEBVRE, documento eletrônico)

As derivas buscavam sempre um uso situacionista do espaço, ou seja, uma possibilidade de criar experimentações que tornassem o cotidiano urbano – lugar da fragmentação e da banalidade – em um espaço da revelação, da crítica e da transformação. O andar na cidade permitia reconhecer nos edifícios e objetos urbanos funções independentes de seu uso prático racional. A pesquisa psicogeográfica deveria reconhecer a função psicológica das ambiências e saber jogar com elas, para usar um termo situacionista:

Nossa idéia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior. Devemos elaborar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos de dois grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e que o alteram. (JACQUES, 2003, p. 21)

O caminhar na cidade tornar-se-ia uma narrativa da exploração das muitas cidades que existem em uma metrópole e partir dela os situacionistas construíam mapas que podiam não corresponder exatamente às localizações exatas na cidade, mas que traduziam uma “organização afetiva ditada pela experiência da deriva”. (JACQUES, 2003, p. 23)

Para a equipe do projeto Cartografias se apropriar da metodologia das derivas situacionistas foi um recurso de abordagem da cidade, através do qual seria possível perceber a diversidade dos usos do tempo e do espaço, as mutações contínuas, as disputas e as negociações e os jogos de significações que se misturam e se sobrepõem continuamente no espaço urbano. Significou, sobretudo, reler a cidade a partir de um posicionamento crítico que permitisse “estranhar” as formas e os usos definidos e cristalizados e enxergar, para além destes, as múltiplas possibilidades de apropriação e criação de novas de usos e convivências. Este estranhamento permitiu um mergulho no cotidiano – no conhecido – e, ao mesmo tempo, constitui-se numa atitude de distanciamento para que o olhar do pesquisador não tomasse por “natural” aquilo que é corriqueiro e que enxergasse junto com o uso hegemônico do espaço algo que estava invisibilizado por este.

Uma outra idéia também inspirada nos situacionistas foi a da construção de mapas da percepção dos lugares, elaborados a partir das experiências subjetivas daqueles que caminham pela cidade. Os situacionistas construíam mapas “afetivos” a partir das derivas que não tinham uma função de orientação no sentido usual, mas se constituíam em narrativas da experimentação do espaço. Assim traçamos como meta construir mapas que as múltiplas possibilidades de apropriação do espaço e os sentidos que produzidos a partir destas possibilidades.

A leitura dos textos situacionistas proporcionou discussões que levaram o grupo de pesquisadores à elaboração de uma metodologia de abordagem da cidade guiada por dois objetivos: o primeiro produzir um conhecimento a sobre o espaço urbano a partir da experiência de quem caminha por este espaço; e um segundo que foi o de registrar este todo, este processo com a ambição de difundir esta metodologia como forma de possibilitar o conhecimento e a intervenção em outros lugares da cidade a partir desta perspectiva.

Os pesquisadores do projeto começaram a registrar suas percepções da cidade em percursos a pé que iam de um ponto de entrada e saída da

região a outro (pontos de ônibus e estações de trem). Os percursos foram chamados de derivas numa clara referência aos situacionistas, mas o grupo tinha consciência da diferença entre os procedimentos, pois diferente do que faziam os situacionistas, as derivas cartográficas eram planejadas e delimitadas. A semelhança que se buscava estava, sobretudo, na atitude de estranhamento do cotidiano e na valorização das possibilidades de uso dos lugares. Cerca de quinze pesquisadores das áreas de comunicação, história, ciências sociais, psicologia e comunicação social participaram das derivas. A tarefa de cada um era acompanhar os movimentos, perceber entre sons, imagens e textos a composição e decomposição dos territórios, e também as maneiras pelas quais se criam novas interpretações das mesmas paisagens.

Para dar início ao trabalho de campo, o espaço do Hipercentro foi dividido em zonas de caminhadas pelas quais as derivas seriam realizadas. O ponto de partida foi à observação de que um dos usos mais intensos do espaço do Hipercentro pelos pedestres é o de interligação de outros lugares da cidade. Ao fazer este trajeto, para trabalhar estudar ou fazer compras, as pessoas aproveitam, param, conversam e constroem juntos com os outros a cidade das ruas.

A equipe decidiu dividir o espaço em nove zonas de visitas que foram marcadas no mapa oficial da região. A divisão foi pensada a partir da localização dos pontos de ônibus e/ou de sua concentração, estações de metrô, rodoviária e viadutos que permitem o acesso ao Hipercentro. Uma mesma área continha ao menos um pólo principal de embarque/entrada e desembarque/saída de pessoas. Tal processo possibilitou maior conformidade com a experiência de percorrer o centro da cidade pensando os deslocamentos, os territórios, os usos. Cada área era percorrida em uma saída, começando a partir destes portos, e terminando na volta a eles.

Com o tempo as zonas de caminhadas foram sendo redivididas e o modo de percorrer estas áreas também foi modificado. No início eram percorridos os quarteirões da cidade. Observou-se que este procedimento fragmentava os trajetos e a experiência de caminhar pelas ruas, contemplando a passagem por diversas ambiências em uma mesma rua, não se concretizava. Ao invés de possibilitar a captação da diversidade da rua, as caminhadas davam à impressão de captar apenas seus fragmentos. Passou-se então a percorrer toda a extensão de cada rua que se situava dentro da área delimitada. Muitas vezes, se percorria um mesmo quarteirão duas ou mais vezes, mas as possibilidades de captação de ambiências com características próprias nas ruas se mostraram mais efetivas.

Estas caminhadas ou derivas foram registradas, como já dissemos, através de cadernos de campos, fotografias, imagens videográficas e gravação dos sons nos locais. Assim o processo se enriqueceu, pois além de captar a diversidade dos usos do lugar a pesquisa possibilitou a discussão das formas de registro desta diversidade. Compôs-se um acervo de registros de e foram abertas várias possibilidades de estudos

que tinham em comum o foco na percepção e na experiência de quem usa o espaço da cidade cotidianamente, um estranhamento crítico em relação à “naturalização” do espaço e em relação aos processos de registro desta experiência. Paralelamente, este acervo foi acrescido por uma pesquisa documental em realizada em arquivos públicos e museus da cidade, revistas e catálogos de documentação histórica, projetos de lei, decretos e mapas referentes a espaços e lugares do Hipercentro.

O Hipercentro de BH

Belo Horizonte (BH) ao entrar no terceiro milênio ostenta todas as suas contradições em seu território. Seu processo de expansão espacial encontrou seus limites em quase todas as direções. Sua área central, que representa hoje uma pequena parte da mancha urbana, concentra a maior parte dos indicadores de qualidade de vida urbana, como serviços de educação, saúde, áreas de lazer, equipamentos culturais entre outros. Apesar de ter constituído outras centralidades, esta área da cidade que corresponde à zona urbana definida pelos construtores da cidade condicionou fortemente o crescimento da cidade, tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista simbólico.

[...] a formação dos centros intermediários e de pequeno porte não se encontra proporcionalmente graduada em relação à Área Central. Essas concentrações estão muitas vezes dispersas e incompletas, não constituindo centralidades socioeconômicas dinâmicas. [...] Apesar do empenho dos setores públicos local e setorial em planificar um processo de expansão/concentração articulado com a descentralização, constata-se na última década a configuração de uma rede de centros desconexa e fragmentada que, sendo definida por um conjunto de serviços pouco diferenciado. (LEMOS et al, 2003, p. 48)

A Regional Centro-Sul onde esta localizada a área central de BH não é homogênea e revela enormes diferenças sociais e econômicas do espaço. As Unidades de Planejamento (UPs) desta área estão as que possuem os maiores números do Índice de Qualidade de Vida Urbana do Município (IQVU). Localizam-se lá também as UPs que obtiveram os menores índices: o Cafezal e a Barragem Santa Lúcia. O mesmo se repete de forma invertida em relação aos índices de Vulnerabilidade Social, as duas UPs citadas possuem os maiores índices e as demais componentes do espaço central possuem os menores.

O Hipercentro, espaço que corresponde ao centro tradicional manteve sua posição de referência para o conjunto da cidade. Diferente do que aconteceu em outras cidades, cujo centro tradicional entrou em decadência, o Hipercentro não se esvaziou, manteve sua vitalidade, mas passou por transformações e diferenciações espaciais, o que de resto,

vem acontecendo desde a fundação da cidade. No momento atual, este espaço encontra-se em discussão permanente, é objeto de cerca de 213 projetos de intervenção física (revitalizações e reformas) e de mais de 30 projetos de oficinas e ações culturais por parte do poder público. Um novo plano diretor para a área foi entregue no ano de 2008 e encaminhado para a votação na câmara municipal. Tanto nos projetos como no plano dizem não buscar uma Revitalização, como ocorreu com outros centros tradicionais, pois é evidente que o espaço possui vitalidade, mas o que agora chamam de Requalificação dos seus espaços.

Atualmente, o Hipercentro abriga uma população de 20 mil habitantes, sendo que uma parte expressiva deste total tem mais de 60 anos e pertence aos grupos sociais que vieram residir em BH a partir de meados do século passado. Fala-se em crescimento negativo da população, tentar atestar uma certa decadência da área, o que justificaria uma Revitalização. Nesta discussão um dado chama a atenção: o número de moradores diminuiu, mas o número de domicílios ocupados aumenta. Os apartamentos não abrigam mais famílias numerosas, pois estas estão em decréscimo, como em outras grandes cidades do Brasil. O centro também não é mais considerado um bom lugar para se criar a família. Cresce a ocupação de imóveis com apenas dois moradores. “A população com menos de 15 anos representa 5,9% do total, ao passo que a da faixa de 20 a 30 anos concorre com 29,0% e a entre 30 e 60 anos com 31,1% do total.” (SOUZA; MOREIRA, 2003). Pessoas com mais de 60 anos representam 20,6% dos moradores. Dos anos 90 para cá, aumentou o número de moradores de rua. Estas pessoas pernoitam ou permanecem em geral sob marquises, viadutos e praças, aumentando o que os urbanistas chamam de vulnerabilidade social.

Em 1992, trabalhavam no Hipercentro cerca de 176.830 pessoas, sendo que 91,2% destas estão no setor terciário. Em 2002, as estatísticas acusavam um decréscimo de 14 mil destes postos de trabalho. Do total de trabalhadores, segundo a Pesquisa Origem e Destino 2001/2002 realizada pela Fundação João Pinheiro, 54.808 trabalhadores vêm das periferias da cidade para trabalhar no local, 43.551 vêm da chamada área pericentral e 27.080 chegam do chamado Eixo Industrial, sendo que o Núcleo Central, região onde se localiza o Hipercentro contribui para este contingente com 18.374 trabalhadores.

Além de moradores e trabalhadores, a região recebe diariamente um fluxo de cerca 1,2 milhões de pessoas que estão em trânsito, em compras ou procuram outro tipo de serviço. A frequência ao comércio é diferenciada em termos de poder de compra, sendo que algumas regiões apresentam um comércio de melhor qualidade e outras uma concentração de lojas populares e comércio informal, definindo, como em outros momentos da sua história, um caráter de segmentação espacial e diferenciação social no local. Das pessoas que se deslocam, segundo a mesma Pesquisa de Origem e Destino de 2002, 38,4% são das periferias

da cidade, 23,35 % da área pericentral, 14,9% do Eixo Industrial, 10,3 da área central.

Alguns mapeamentos ainda iniciais

O mapeamento que começamos a fazer desta região tem sido feito quase simultaneamente às intervenções do poder público propostas nos últimos anos para a área. O Hipercentro da cidade é visto em todos os projetos oficiais atuais que propõem intervenções no seu espaço como um lugar onde

Os volumes de pedestres que transitam na área são consideravelmente significativos, visto tamanha atividade do local, que funciona como “coração” da cidade. Além dos diversos *atratores* que existem no local como, por exemplo, grandes equipamentos, diversos estabelecimentos comerciais, todo tipo de serviço, o transporte coletivo também gera tráfego de pedestres no local. Isto porque os pontos de desembarque não são o destino final dos usuários, sempre há necessidade de completar pequenos trechos a pé. Além disso, a disponibilidade de estacionamentos para veículos particulares no local também gera a complementação de viagens pelo modo a pé. Neste contexto, em muitos locais não há espaço suficiente para acomodar os pedestres e o mobiliário urbano com o devido conforto. Em muitos pontos de ônibus ocorrem conflitos de pedestres em circulação com aqueles que estão à espera dos ônibus, provocando o extravasamento de pedestres para o leito carroçável. Além disso, existem diversos tipos de obstáculos físicos (mesas de bares, restaurantes, bancas de revista etc.) que, somados à precariedade dos revestimentos das calçadas em diversos locais, criam um ambiente inseguro e potencial de acidentes. (PRAXIS, 2006, P. 59/60).

Ao contrário dos projetos nos quais se baseiam os técnicos que propõem intervenções para os centros urbanos, esta área em BH não está desabitada, desvitalizada ou degradada. O que encontramos foi uma área de intensa vitalidade, com inúmeros usos e ocupações, com moradores, trabalhadores formais e informais e uma grande população de passantes e usuários.

Esta vitalidade continua reforçando o lugar como uma referência ainda entendida pela população como “a cidade”. O Hipercentro de BH ainda mantém uma centralidade simbólica na constituição de sentidos urbanos dos moradores da cidade. As propostas por parte do poder público propõem a requalificação que é a mudança dos usos e ocupações e principalmente a uma “limpeza” de determinados tipos de usos –

prostituição; moradores de rua; crianças, jovens e adultos das favelas e periferias que ganham a vida em diversas “informalidades” do centro etc. No texto final do Plano de Requalificação do Hipercentro de Belo Horizonte todas as propostas de mudanças se referem aos problemas causados pelo que chamam de superpopulação da área central. A limpeza do centro passa por desviar a circulação de carros e ônibus mas também por redefinir os usos comerciais e de moradia da região.

Um programa desenvolvido com premissas de intervenções pra áreas degradadas e sem uso tenta “retirar” a população do centro e transformá-lo em um espaço de circulação restrita e habitação ainda não se sabe de quem. Esta é uma das tensões principais do centro nos dias atuais. A Prefeitura e o Governo do Estado junto com algumas construtoras tentam retomar alguns imóveis que estão vazios e transformá-los em moradia para o que chamam de classes C e D. Os comerciantes e moradores do centro através de suas associações e entidades de classe são radicalmente contra este tipo de proposta alegando que o centro de BH vai abrigar um “tipo de pessoas” que não são condizentes com a nova “cara” da região. Argumentam que o centro nunca foi lugar de moradia de classes populares e que isto vai desvalorizar os imóveis da região.

Na pesquisa do Cartografias foi possível acompanhar as audiências públicas, os debates e os conflitos causados pelas intervenções no hipercentro, principalmente depois da implantação do projeto “Centro Vivo” . Nestes espaços de discussão foi importante acompanhar a diversidade e diferença de posições entre membros das entidades comerciais que de um lado eram radicalmente contra a retirada da prostituição do centro e também contra a vinda de moradores considerados “populares”.

Ao mapearmos cotidianamente as ruas da cidade entendemos que para os comerciantes era importante manter o fluxo de pessoas que vem para o centro durante todo o dia. Nos vários períodos dos dias da semana, os passantes do centro ao circularem de casa para o trabalho iam definindo os tipos de comércio. Assim, ao longo das ruas, onde ficam os “hotezinhos familiares” foram se consolidando lojas de ferramentas, papelarias populares, lojas de balas e biscoitos, enfim, toda uma gama de produtos rápidos necessários no dia a dia das famílias. Nas ruas no entorno deste comercio começam as lojas de produtos farmacêuticos e de beleza mais populares, roupas de bebês e crianças, lojas esportivas, camisas e pijamas masculinos etc.

Segundo os comerciantes, este tipo de comércio se consolidou a partir da ocupação masculina das ruas destes locais durante os vários horários do dia. Se a prostituição for retirada do centro, segundo eles, este comércio vai morrer por falta de consumidores.

Assim fomos mapeando como se davam as especializações de determinados espaços da cidade. Um dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisadores do projeto Cartografias é sobre as bancas de jornais e a disputa com as regulamentações do poder público para este tipo de objeto urbano. As bancas do centro de BH também foram se

especializando: bancas mais perto das áreas de prostituição vendem materiais eróticos; bancas perto dos prédios de serviços públicos vendem jornais e apostilas de concursos; e bancas perto das esquinas onde ficam os aposentados vendem jornais e revistas esportivos e políticos; e assim por diante. No Plano de Requalificação foi indicado ao Código de Posturas que está sendo implementado, a proibição da colocação de jornais do lado de fora das bancas. Isto se deve a preocupação que os técnicos urbanos têm com relação as ruas como espaço de fluxo ininterrupto de pessoas. Segundo eles, os jornais do lado de fora fazem com que as pessoas parem para ler e discutir as notícias, isto prejudica a circulação e causa transtornos.

Nossa preocupação no cotejamento do que captamos durante as derivas e as chamadas “falas técnicas” dos representantes do poder público é tentar entender qual o sentido que o movimento tem para os cidadãos e para os planejadores. O movimento urbano que funda a cidade é visto pelos passantes como tendo vários tempos, ciclos e fluxos. É um movimento que pode ser lento e comporta paradas e descansos em lugares não determinados, que comporta diálogos e interações comunicativas, que comporta leituras das possibilidades da cidade.

Este tipo de movimento da cidade é fundamental para tentarmos entender porque as ações de intervenção no centro de BH, mesmo baseadas em formas de “participação pública” não conseguem dirimir as tensões e conflitos resultantes das ações do poder público.

As intervenções proclamam que estão tornando os lugares “plenos de significados”. Aparentemente, os arquitetos e planejadores estão presos a uma camisa de força dada pelas imposições do urbanismo promovido por governos e especuladores imobiliários. Mesmo quando pretendem reagir à perda de significado do lugar, incorrem na estetização excludente e na armadilha da cidade como imagem publicitária.

Com relação ao espaço físico da cidade ao longo das primeiras derivas que fizemos no Hipercentro nos deparamos com o desaparecimento de várias praças que faziam parte do traçado original da cidade e que foram sendo implantadas de acordo com as necessidades de circulação no centro da cidade. Estas praças ainda são nomes nas placas indicativas nos cruzamentos e esquinas da cidade. Mas não se constituem mais como tal. Uma se transformou em uma ilha no meio de um estacionamento de carros, outra em uma esquina ampliada, outra em uma bifurcação onde se instalou um programa de alimentação a baixo custo, a praça principal do centro se transformou em um cruzamento e suas diagonais se transformaram nos famosos “quarteirões fechados” da década de 70.

A negação do espaço coletivo enquanto público está presente no modelo adotado por inúmeras propostas de intervenções baseadas na circulação viária como elemento fundamental para organizar o funcionamento da cidade.

O movimento de constituição e desaparecimento é acompanhado por outra proposta cartográfica que fizemos: a busca de fotografias destes lugares desde o início da cidade que foram recolhidas aos arquivos oficiais da cidade. Ao cotejarmos as fotografias com as notícias dos jornais sobre esta área da cidade encontramos principalmente nas crônicas jornalísticas sobre o cotidiano da cidade a discussão de como é importante a constituição de espaços públicos em uma cidade jovem como Belo Horizonte.

A partir desta cartografia fotográfica temporal voltamos às praças por vários dias ao longo da semana e em horários variados. Fomos acompanhando os usos e ocupações atuais destes espaços através da gravação de sons, fotografias e vídeo.

Isso possibilitou visualizar as transformações nestes espaços e um início de discussão sobre suas formas de uso e apropriação.

A imagem urbana pode transmitir ao cidadão uma perspectiva de uma cidade legível, harmônica, com significado, quer dizer, espaços reconhecíveis e facilmente identificados. Um dos elementos de maior significação e identidade para a comunidade são os espaços abertos ou públicos e são aqueles que no traçado da cidade são definidos por parâmetros de edificação ou os limites dos prédios. Onde a população circula, se reúne, descansa ou recreia. No caso de BH, as praças têm um sentido fundamental no traçado original da cidade. São os espaços integradores dos eixos de circulação. Mas eram espaços de parar, de descanso, de lazer, de recreação.

No Hipercentro se destaca uma área fundamental como referência da cidade que é conhecida ainda como Praça da Estação (na verdade, Praça Rui Barbosa). Este era o lugar de entrada e saída da cidade. Por esta praça chegaram os primeiros construtores da cidade, os primeiros materiais. Por ela, a cidade foi crescendo e mantendo uma relação com os espaços plenos de significado: a via férrea, o rio, os prédios iniciais, os jardins etc.

Em 4 de setembro de 2003, aparece no jornal Estado de Minas a manchete: “Uma Nova Estação em BH: prefeitura e a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) se unem, com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para mudar a cara de um dos maiores espaços públicos da região central. Novo piso, iluminação e fontes luminosas são recursos que prometem criar no local um centro de referência sociocultural.”

Junto com isto o prédio da Estação virou um museu. As pessoas não podem mais ver a escadaria, nem a linha de trem. Foi feito um túnel por debaixo do museu para que as pessoas possam embarcar no trem e no metrô.

A área em frente ao museu foi transformada em um imenso vazio ladeado por torres de iluminação. De vez em quando, brotam do chão jatos verticais de água que passaram a ser chamados de “fonte luminosa”.

Em frente, onde havia uma avenida e na parte central um rio que já não existia muito mais foi instalado um chamado “Bulevard Arrudas” que é uma via de trânsito rápido que atravessa esta área da cidade. Em seguida ao Bulevard foi recuperada a parte “praça” deste espaço com um novo mobiliário urbano e tratamento paisagístico. Neste lugar, foram arrancadas as arvores de copa mais larga e substituídas pelas chamadas “palmeiras imperiais” que “privilegiam a visada em perspectiva da avenida que começa na praça.”

No caso da chamada Praça da Estação, depois do museu, os habitantes da cidade não conseguem mais entender o que é a “estação”, onde é a porta de entrada e saída da cidade. O museu tem visibilidade estética na paisagem, mas apenas uma imagem sem significado para a população.

No caso do vazio em frente ao prédio da estação, a população mal consegue circular neste espaço por ter ficado árido, inóspito e quente, as pessoas vão se colocando nas sombras das torres de iluminação e durante partes do dia vemos pessoas deitadas nas sombras descansando ou dormindo. São trabalhadores informais e carregadores que ficam nas imediações que se tornou ponto de caminhões pequenos e kombis para aluguel de carretos.

No final da tarde, o vazio começa a ser utilizado por grupos jovens que se reúnem ali, os vãos do edifício do museu passam a ser ocupados por casais de namorados. No jardim em frente ao Boulevard, depois que o sol desce, as pessoas se sentam nos bancos e transitam pelos jardins.

Isto vai formando uma cena urbana para o espaço vazio definido no projeto para ser um lugar de manifestações e festas culturais, feiras e comícios políticos. Hoje, quando andamos na cidade através do Cartografias detectamos que o prédio da estação não é mais identificável para as pessoas. Embora ao prédio esteja destacado na paisagem da cidade, tenha ampliado sua monumentalidade pela cor e o vazio que se abriu a sua frente, as pessoas não sabem mais o que ele é e não têm mais nenhuma visão do trem ou da linha férrea por detrás do prédio.

As pessoas saem de tempos em tempos de um túnel na lateral deste espaço e rumam para a “cidade”, para o centro, e deixam a Estação que já não faz mais parte das referências que têm do centro. O rompimento do conjunto da praça da estação trouxe um espaço vazio, uma via de trânsito rápido e no final desta composição uma praça com mobiliário urbano novo, ajardinamento reordenado e novas palmeiras imperiais...

Na paisagem da cidade, vão surgindo cenários, estas propostas transformam os lugares da cidade em lugares que não produzem mais sentidos não fazem parte do universo de sentidos, esvaziam as relações locais e sociais. Desde que o prédio foi destacado na paisagem da cidade ele desapareceu como referência para os moradores, sumiu [...].

Existe uma reapropriação, novos e antigos usos, mas agora eles não têm potência de restabelecer naquele lugar um sentido, é uma des-significação do lugar.

Considerações Finais

O projeto Cartografias tem buscado desconstruir alguns enunciados tradicionalmente conformadores deste espaço e, ao mesmo tempo, voltou-se para os processos de enunciação menos aparentes e legíveis que se inscrevem no cotidiano da região central da cidade. Sem dúvida, o tempo de enunciação se particulariza em instantes bastante fugidios.

Busca-se produzir uma leitura-escrita deste espaço da cidade que tornassem menos rígidas suas interpretações ao deixar aparecer vazios a serem preenchidos no agora. Ou dito de outra forma, procuramos sublinhar as contradições e ambigüidades do hipercentro que o tornam um espaço dinâmico e criativo. Jacques Le Goff nos lembra, em *Amor às Cidades*, que:

Há muito tempo os centros são objetos de ferozes batalhas; eles não querem desaparecer sem combate, eles resistem. Parece-me, entretanto, que a evolução age profundamente contra o centro urbano. Ele não é mais adaptado à vida econômica, à vida das relações que dominam as populações urbanas. Então o que ele se torna? (LE GOFF, 1988, p. 150)

A *Cartografia de Sentidos* compartilha a mesma inquietação do autor: o que o hipercentro de Belo Horizonte se torna? O presente do verbo na interrogação expõe uma posição de análise. Compreende-se que o hipercentro de Belo Horizonte se modifica e se reconfigura no cotidiano da cidade. É nesse movimento, ou seja, em relações dinâmicas com a cidade e seus sujeitos que o espaço definido hipercentral pode adquirir sentidos diversos. Cartografar esses sentidos implicou mapear e inscrever em suportes atuais uma pluralidade de lugares que constituem este espaço, ampliando suas legibilidades e tornando estes lugares reconhecíveis. Dessa forma, buscou-se desconstruir uma totalidade forjada no imaginário urbano apresentando várias trajetórias no hipercentro da cidade.

Jacques Le Goff, no mesmo fragmento anterior, acrescenta que o centro sobrevive e sobreviverá por muito tempo pelo recurso ao imaginário. Os conflitos e as disputas que realizam o que o hipercentro se torna seriam, portanto, do campo das representações materializadas no espaço da cidade. Neste projeto, ao apresentarmos imagens conflitantes e, por vezes, incongruentes deste espaço, buscou-se exatamente “tensionar” um imaginário configurado histórica e culturalmente. Dessa maneira, o reconhecimento de criativas inscrições nesta região da cidade, talvez, seja a única maneira de “revitalizar” este espaço. O hipercentro de Belo Horizonte jamais se totalizará em um projeto único, pois se constitui da mesma pluralidade que realiza a cidade. Sua sobrevivência depende, portanto, de um projeto outro, aberto a construção coletiva e permanente. Só assim este espaço se torna um lugar acolhedor para os homens e mulheres que o ocupam, com suas contradições e diferenças. Só assim ele adquire sentidos diversos para uma diversa população da cidade.

A *Cartografia de Sentidos* pode ser compreendida como uma forma de associação entre a poética e a política, a arte e a ciência no desvelamento da diversidade, nem sempre reconhecida, mas de fato afirmada nos centros das grandes cidades ou em quaisquer outros espaços atualmente estruturados. Da poética, nosso projeto se apropria de uma permanente indagação que impele à escuta do outro. Descarta, por isso mesmo, a univocidade da resposta definitiva e do sentido que recalca valores outros que não os hegemônicos. Assim, o hipercentro de Belo Horizonte pode se descentralizar e re-centralizar-se de outra forma, em novos arranjos, em permanente movimento. O “outro” – homens e mulheres – que circulam e ocupam a cidade, torna-se o sujeito dessa cartografia ao compartilhar as posições de produtor-receptor das imagens visuais, sonoras, gestuais e afetivas que constituem este espaço da cidade. As cenas e os recortes apresentados são, portanto, seleções e combinações de vários processos de leitura. Espera-se, portanto, que este mapeamento possa provocar os sentidos à interpretação, implicando os sujeitos em seus contextos e responsabilizando-os pelo que o Hipercentro se torna.

Assim, quando se tem em mente discutir a rua do Hipercentro de Belo Horizonte e as dinâmicas que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade marcada, por um lado, pela natureza do objeto que se tem em mãos e, por outro, pelo desafio lançado pela proposta deste estudo. Temos mergulhado no cotidiano da cidade e para estudar seus produtos, fluxos e apropriações nem sempre visíveis, mas que, contudo animam e reconfiguram a sua imagem imediata ou institucionalizada. Não pretendemos esgotar esta multiplicidade, cristalizando as dinâmicas, mas nos apropriar de recortes e momentos que falam dessa diversidade em sua interação cotidiana e histórica.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Paris: Capitale du XIX siècle: le livre des passagens**. Paris: CERFI, 1989.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **BH 100 anos: uma lição de História**. [200?]. Disponível em: <www.pbh.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2007.

_____. **Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte.**

Belo Horizonte: PBH, 2007.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica:** ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. 4.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia:** para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'água, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUATTARI, Félix. **Caosmos.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Revista e Debates**, v. 5, n. 16, p. 109-120, 1985.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva:** escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LAMIZET, Bernard; SANSON, Pascal (Org.). **Les langages de la ville.** Marseille: Parenthèses, 1997.

LAURELLI, Elsa. **Nuevas territorialidades:** desafios para América Latina frente al siglo XXI. La Plata: Al Margen, 2004.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Unesp, 1988.

LE MOS et al. **Questões urbanísticas e socioculturais do município de Belo Horizonte: projeto PBH, século XXI .** Belo Horizonte: Cedeplar, [2004]. Disponível em: <www.cedeplar.ufmg.br>. Acesso em: 10 jul. 2007.

LEPETIT, Bernard (Org.). **Les formes de l'expérience.** Paris: Albin Michel, 1995.

LEFEBVRE, Henri. Entrevista concedida à Kristen Ross em 1983.

Disponível em:

<<http://www.rizoma.net/interna.php?id=138&secao=potlatch>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único:** desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus Martin. **De la ciudad mediada a la ciudad virtual**. [2000?]. Disponível em: <www.innovarium.com/CulturaUrbana/VirtualJMB.htm>. Acesso em: 10 out. 2000.

MIÈGE, Bernard. El espacio público visitado de nuevo (I) e (II). In: _____. **La sociedad conquistada por la comunicación**. Barcelona: ESRP: PPU, 1992.

NEVEU, Catherine. Espaço e território em Spitalfields: percepções, locais e práticas municipais. **Projeto História**, p. 51-66, maio 1999.

PRAXIS, projetos e consultoria. Plano de Reabilitação do Hipercentro. Diagnostico, vol 1, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SENNET, Richard. **La ville à vue d'oeil: urbanisme et société**. Paris: Plon, 1992.

SILVA, Regina Helena Alves da. ; GONZAGA, Milene Migliano. Redes culturais em territórios urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 28., Rio de Janeiro. **[Anais...]** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. 1 CD-ROM.

SOUZA, José Moreira; CARNEIRO, Ricardo. O Hipercentro de Belo Horizonte: conformação espacial e transformações recentes. **Anuário Estatístico de Belo Horizonte**, 2003. Disponível em: <www.pbh.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2007.